

# La cage d'acier. Max Weber et le marxisme wébérien

De: Michael Lowy

*La cage d'acier. Max Weber et le marxisme wébérien*

Paris: Éditions Stock. 2013

# Max Weber et les paradoxes de la modernité

Michael Lowy (org.)

*Max Weber et les paradoxes de la modernité*

Paris: Presses Universitaires de France. 2012

Por: André Haguette

Ph.D. Professor Titular, de sociologia, do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará

Minha primeira intenção era fazer uma resenha do excelente e estimulante livro de Michael Lowy, *La cage d'acier. Marx Weber et le Marxisme Wébérien*. Mas logo me pareceu esclarecedor incluir na resenha um outro livro do mesmo autor – *Max Weber et les paradoxes de la modernidade* –, publicado um ano antes, pois, dessa maneira, poderia ilustrar melhor a atitude de Lowy diante de Max Weber.

Conhecido no Brasil por seus estudos marxistas, e reconhecido como um intelectual marxista engajado, Michael Lowy nunca deixou de se interessar pela obra de Max Weber;

isso desde o longínquo ano de 1969, quando publicou uma discussão metodológica sobre o livro mestre de Weber, *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, “visando demonstrar que as críticas que Weber fazia ao materialismo histórico não eram justificadas” (p. 7). Estudando esse livro, Lowy descobre o conceito de “afinidade eletiva” que toma de empréstimo como sua principal ferramenta para analisar a cultura judia da Europa central, ocasião em que redige *Redenção e utopia: o judaísmo libertário na Europa central*, um trabalho magistral, publicado no Brasil em 1989, pela Companhia das Letras.

Em seguida, Lowy se interessa por estudar Weber na sua relação com Marx que ele chama, na sequência de Merleau-Ponty, o “marxismo weberiano”. Ao longo desse percurso intelectual, Lowy não renega seu “engajamento político anticapitalista” nem seu “engajamento teórico marxista”, mas ele acredita, ao mesmo tempo, que “o marxismo tem a ganhar pela integração de certos aportes intelectuais de Max Weber” (p. 10-11).

Desta forma, Michael Lowy pôde escrever, na Introdução de *Max Weber et les paradoxes de la modernité*, que “poucos autores compreenderam com tanta acuidade as características da modernidade ocidental como Max Weber: desencantamento do mundo, racionalidade instrumental, dominação burocrática racional, diferenciação das esferas, politeísmo dos valores” (p. 9). Daí o atrativo de Weber e de seus paradoxos sobre a modernidade: uma racionalidade instrumental desejável e sempre crescente sobre as coisas, mas que invade e arrasta os homens, suas relações humanas, sua subjetividade e liberdade. A exemplo de Nietzsche, Weber propõe, através da expressão uma “gaiola de aço” – na tradução inexata, mas comumente aceita, de Parsons, ou um “habitat duro como o aço” numa tradução julgada mais fiel –, um “diagnóstico inelutável sem promessa de salvação” (2013, p. 55). Lowy não esconde seu apreço pelo pessimismo cultural de Weber e seu impiedoso diagnóstico sobre a civilização capitalista burocrática – dura como o aço – e a sombria premonição do futuro que anuncia. Esta confissão explica por que ele dedica a esse tema um capítulo diferente em cada um dos dois livros objetos desta resenha: *A Alegoria da gaiola de aço* (2012) e *O pessimismo cultural de Max Weber* (2013).

O livro, *Max Weber et les paradoxes de la modernité*, apresenta uma novidade de peso: a tradução em língua francesa do texto “Fundamentos econômicos do Imperialismo”, traduzido e publicado no Brasil no quarto subtítulo do oitavo capítulo, Comunidades, de Economia e Sociedade, volume II. A tradução francesa é precedida de uma Apresentação do texto inédito de Max Weber por Michael Lowy. Os outros cinco capítulos fo-

ram escritos por diferentes autores. Três versam sobre a religião no seu encontro com a modernidade. O primeiro, de Eduardo Weisz, trata do judaísmo antigo nas origens da modernidade; o segundo, assinado por Manfred Gangl, aborda Religião e modernidade e o terceiro, de Gérard Rautet, discute o método de exposição da *Ética Protestante*. Enzo Traverso, por sua vez, se volta para o cientista e a política, ou Max Weber contra os intelectuais. Finalmente, a filósofa, especialista francesa em Weber, Catherine Colliot-Thélène coloca as análises weberianas da política à prova da mundialização para concluir que, de um lado, se “uma clara circunscrição do campo da política, que permitia no tempo de Weber a centralização do poder no estado, tornou-se impossível”, por outro, “a percepção aguda de Weber da influência determinante que a economia capitalista exerce sobre o destino das sociedades modernas fazem de sua obra uma das fontes mais ricas que a tradição sociológica nos legou...” (p. 156). Limite e riqueza da obra política de Weber, portanto.

*La cage d’acier*, por sua vez, é composto de três partes, cada uma com dois capítulos, todos de autoria de Michael Lowy. O primeiro capítulo, Marx e Weber: Kapitalismus, retoma, mais uma vez, a comparação das duas obras. Segundo Lowy, se os verdadeiros e fundamentais desacordos entre os dois autores são “políticos e metodológicos”, os dois homens têm muito em comum do ponto de vista intelectual, a começar pelo interesse da análise do capitalismo como sistema. – “a força que mais pesadamente incide sobre o destino de nossa vida moderna” (p. 17). Lowy continua comparando as teses dos dois autores sobre dois temas: as origens do capitalismo e a avaliação crítica do sistema. O segundo capítulo se volta para O Pessimismo cultural de Weber.

Na segunda parte do livro, o autor discute, no terceiro capítulo, O conceito de afinidade eletiva de Weber e, no quarto, documenta, de maneira original, um aspecto da obra de Weber raramente mencionado, a saber: A ética católica e o espírito do capitalismo: uma afinidade negativa.

Lowy destaca passagens dos escritos de Weber que mostram uma “incompatibilidade” entre os ideais do crente católico “seriamente convicto” e a “perseguição comercial” do ganho (p. 103); uma aversão essencial e insuperável, uma forma de “anticapitalismo”, uma antipatia cultural, “uma falta de afinidade entre duas substâncias” (p. 109). Esta “inversão da afinidade eletiva” repousa, segundo a análise de Lowy, sobre o caráter impessoal do capitalismo, uma “escravidão sem mestre” (Weber) que impede toda e qualquer imputação ética. O advento e contínuo avanço da racionalidade instrumental colide com a racionalidade substancial, logo pessoal, da ética

católica. Existe uma tensão radical entre o capitalismo e a ética da fraternidade. Lowy escreve:

A Igreja católica é o principal exemplo de uma desconfiança religiosa para com a ascensão das forças econômicas impessoais, inevitavelmente hostis à ética da fraternidade. O *Deo placere non potest* – ‘não pode agradar a Deus’ – católico foi durante muito tempo característico de sua atitude para com a vida econômica. [Apesar de concessões e acomodações] a tensão era no final das contas dificilmente superável (p. 104).

A terceira parte é consagrada ao que Lowy, seguindo Merleau-Ponty, em *Les Aventures de la dialectique* (1955), chama de marxismo weberiano. Enquanto o capítulo cinco aborda “O capitalismo como religião: Ernst Bloch, Walter Benjamin e Erich Fromm leitores de Max Weber”, o capítulo seguinte, sexto e último, trata de “Figuras do marxismo weberiano: de Lukács a Merleau-Ponty” – o autor revisita *História e consciência de classe* –, Gramsci, Mariategui, a escola de Frankfurt e a dissociação de Habermas. Lowy lembra que Merleau-Ponty cunhou a expressão “marxismo weberiano” para designar a corrente marxista-ocidental mais marcada por algumas ideias de Weber, notadamente Gyorgy Lukács e seus discípulos que trabalharam a análise da “reificação”, “como uma síntese poderosa e original da teoria do fetichismo e da mercadoria, de Marx, e da teoria da racionalização, de Weber”. “Fusionando a categoria weberiana de racionalidade formal – caracterizada pela abstração, a ‘coisificação’ e a quantificação – com as categorias marxianas do trabalho abstrato e do valor de troca, Lukács reformulou a temática do sociólogo alemão na linguagem teórica marxista” (p. 154). Gramsci, por sua vez, teria se utilizado de Weber para superar a abordagem economicista do marxismo vulgar, e por em evidência o papel historicamente produtivo das ideias e das representações (p. 159). Quanto à escola de Frankfurt, Horkheimer reconhece a influência de Weber quando compara seus próprios conceitos de razões subjetiva e objetiva com aqueles de racionalidade funcional e substancial. “Segundo Horkheimer, a razão subjetiva ou funcional se reduz ao ‘fato de saber calcular probabilidades, e por consequência de coordenar os meios convenientes com um fim dado; enquanto a razão objetiva ou substancial (de Platão a Hegel) visa ‘a ideia do maior bem’ e ‘a maneira de realizar os fins últimos’ (p. 162). Adorno e Horkheimer, todavia, se distinguem de Weber “por seus compromissos humanistas e socialistas, sua recusa do capitalismo e da burocracia enquanto formas inevitáveis da modernidade, e sua utopia

de uma sociedade liberta da reificação e da dominação” (p. 175). Lowy vê uma disseminação do marxismo weberiano na França (Jean-Marie Vincent e Catherine Colliot-Thélène) e nos Estados Unidos, com Daniel Bell, Irving Louis Horowitz, Alvin Gouldner, Charles Wright Mills. O capítulo termina com uma interessante e instigante exposição da “dissociação” de Habermas que representa na escola de Frankfurt “a saída do marxismo weberiano” (p. 176-189).

Lowy conclui seu livro afirmando:

[que] Marx e Weber são indispensáveis para entender o mundo no qual vivemos, mundo este que, no século XXI, continua capitalista, embora sob formas diferentes daquelas do século XIX... Continuamos submissos ao poder total de forças impessoais – o mercado, a finança, a dívida, a crise, o desemprego – que se impõem como um destino implacável (p. 192).

Creio ter dado razões da pertinência e do interesse do livro de Lowy que certamente logo será traduzido em português. Sua leitura ajuda a conhecer melhor o pensamento de Max Weber e a entender as imbricações e incompatibilidades de suas teses com as de Marx. Se um cientista social pode aderir ou tomar partido de um ou de outro, como o faz Michael Lowy, ele não pode ignorar um ou ambos. O domínio do pensamento de ambos continua sendo uma necessidade intelectual e prática. A leitura de *La Cage d'acier* e de *Max Weber et les paradoxes de la modernidade* permite um diálogo crítico e estimulante.